

PEDRAS, GRIFOS,
POETAS E NENHUMA
VONTADE DE SER
FESTIVAL

SARA
FIGUEIREDO
COSTA

POESIA, UM DIA

A auto-estrada será mais rápida, mas chegar a Vila Velha de Ródão de comboio permite um primeiro contacto com a paisagem natural, deixando adivinhar os pontos humanos que a marcam. Nas águas do Tejo, pouco antes da imagem esmagadora das Portas de Ródão, há gente que anda no rio em pequenos botes a motor. No céu, aves de grande envergadura sobrevoam o espelho da água, mas ainda não se percebe se serão grifos ou águias. Será preciso aprender a distinguir uns dos outros e isso leva o seu tempo. Mais adiante, um fumo espesso abana a imagem, agora ocupada pela chaminé da fábrica de papel, e dá a conhecer outro elemento humano que atravessa – e talvez perturbe, tentaremos descobrir – o lugar onde acontece, por estes dias, o encontro Poesia, Um Dia.

Organizado pela Biblioteca Municipal de Vila Velha de Ródão, Poesia, Um Dia junta poetas e leitores em torno de uma paisagem e um território únicos. Esse é o ponto de partida para um acontecimento que não se fecha na poesia, tocando outras artes e linguagens, e que organiza toda a sua programação em função do território que habita e das pessoas que o povoam.

No mesmo lugar onde, na década de oitenta do século passado, uma equipa de arqueólogos encontrou vestígios habitacionais de várias eras, bem como ossadas de animais que entretanto se extinguíram, a ilustradora Marina Palácio recebe a segunda turma do dia para o atelier “Queridos Extintos”. O espaço junto ao rio é amplo e organiza-se em torno de uma quadrícula de metal embutida no chão, com cada quadrado coberto de gravilha, lembrando o trabalho dos arqueólogos que ali passaram muito tempo resgatando da terra os testemunhos do passado que agora se guardam no Centro de Interpretação de Arte Rupestre do Vale do Tejo, no centro da



Miguel Cardoso e Rosalina Marshall

POESIA UM DIA

vila. Os alunos, todos do 3.º ano (1.º ciclo), espalham-se pelas quadrículas de pá na mão, escavando entre as pedras algumas pistas deixadas pela ilustradora que hão-de dar o mote para as atividades da manhã. Desenhar, compreender a estrutura gráfica das pinturas rupestres, esculpir animais inexistentes com espuma e palitos, observar a natureza, compor um livro em harmónio onde cabem imagens e versos, tudo com a ideia dos animais extintos a pairar e a desafiar para a reflexão sobre a natureza e o modo como nos relacionamos com ela. O burburinho existe, e a agitação provocada pela saída da escola também, mas no fim do atelier percebe-se o entusiasmo de muitos alunos e ouvem-se alguns comentários sobre auroques e elefantes europeus e sobre como andariam por Ródão antes de o lugar ter esse nome.

Caminha-se pela vila e percebe-se que a geografia tem tanto de belo como de acidentado. Para chegar à Biblioteca Municipal José Baptista Martins é preciso subir e esquecer o declive. Vencido o esforço, chega-se a tempo da apresentação do livro *Poesia, Um Dia: Poetas em Ródão*, uma edição da Companhia das Ihas que reúne os trabalhos dos vários poetas que passaram pelas residências do Poesia, Um Dia desde 2012. Dez minutos antes de começar a apresentação, a Feira do Livro já está a funcionar na sala de leitura da biblioteca e há leitores e autores conversando entre estantes, enquanto outros procuram selos para enviarem um postal do Correio Poético, iniciativa que integra o Poesia, Um Dia e que tem crescido a cada ano. Durante a sessão, o ambiente é descontraído, quase familiar. Jaime Rocha, director literário do encontro, agradece a presença dos poetas que vieram até Vila Velha de Ródão, «mesmo os que estão de calções», e

POESIA, UM DIA

destaca o facto de alguns desses poetas terem regressado depois de participarem numa das residências de anos anteriores, como Margarida Ferra, José Luis Costa, Margarida Vale de Gato ou Carlos Alberto Machado, também editor do livro, que veio propositadamente dos Açores para o encontro. A fechar a função, Jaime Rocha destaca a panorâmica poética que o livro oferece, com autores muito diferentes entre si, explicando que essa «é a riqueza destes encontros» e que, além disso, «o que deixamos e levamos daqui é importante: os afetos, as palavras, os abraços, e este belo objecto que deixamos aos habitantes do concelho.» E antes que os leitores deixem a sala, o município oferece a cada um dos presentes um exemplar do livro.

No exterior da biblioteca, começa a segunda apresentação do espectáculo criado durante a residência de escrita e dramaturgia “Teatro na Paisagem” com as interpretações de Ana Amorim, Ana Freitas, Mário Trigo e Santiago Ceia. Horas antes, ainda junto ao rio, Mário Trigo, encenador deste projeto, já tinha partilhado com a *Blimunda* as linhas orientadoras do processo: «Partimos da paisagem natural, como cenário integrante de uma fisicalidade do espectáculo, que possibilita um recurso criativo, e da paisagem humana que vem habitá-lo. O espectáculo foi escrito, ensaiado, encenado, para nascer e para morrer aqui. São espectáculos únicos, cada uma das quatro apresentações é diferenciada em função do espaço onde decorre, e só acontecerão aqui. Há um eixo que atravesse todos os espectáculos de um ponto de vista temático e que é a desertificação,

POESIA, UM DIA

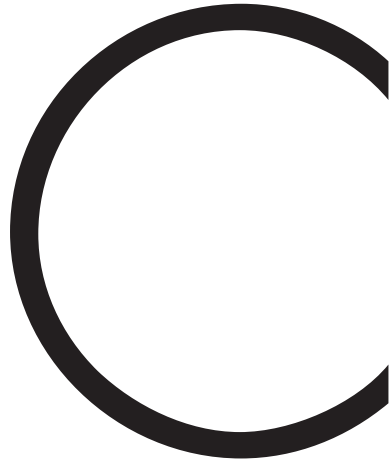
e há um texto que serve de suporte. Na verdade, são quatro textos, escritos por Jaime Rocha, Ana Freitas, Catarina Barros e José Manuel Baptista durante o processo da residência. A temática da desertificação é abrangente e originou quatro textos diferentes. Eu e o Jaime recebemos esses textos e alinhámo-los em função da dramaturgia e da encenação.» Com o olhar fixo no horizonte, a primeira personagem desfia um monólogo sobre a decisão de ficar, mesmo que o corpo, por vezes, desafie a partir. As cenas sucedem-se, tirando partido do que se vê a partir da biblioteca e dos espaços que a enquadram. Os textos, distribuídos ao público num pequeno livrinho, misturam-se, e hão-de ter novas seleções nos dias seguintes, reinventando um espectáculo diferente a cada dia. Por agora, fala-se de paisagem e de pessoas, de medos e de esperanças, também de temas pouco falados fora de cena, como a fábrica que, na dramaturgia, ameaça e garante a sobrevivência, é falada e temida.

A mudança do pátio da biblioteca para o auditório onde decorrerá o espectáculo *Aleatório*, pela Andante Associação Artística, não se faz sem um certo peso a sentir-se nas têmporas. O último texto encenado deixou marcas de alguma angústia e exige que se volte ao seu conteúdo, mas agora é tempo de ouvir poesia de um modo pouco habitual. No palco, Cristina Paiva interpreta uma seleção de poemas em diálogo intenso com as imagens e os sons manipulados por Fernando Ladeira. Às vezes diz, outras vezes canta, e entre os dois registos há um manancial de modos e tonalidades que se adaptam a cada poema escolhido, criando um espetáculo que, percebe-se, tem tudo que ver com a ideia de levar a poesia aos leitores que norteia este Poesia, Um Dia.



Ilha das Virtudes

POESIA, UM DIA



Com a dramaturgia criada pelo “Teatro na Paisagem” a ecoar desde o fim da tarde, voltemos à chaminé que deixámos no início do texto. A fábrica é omnipresente. Vê-se-lhe a chaminé de fumo ainda o comboio não chegou à estação e voltará a ver-se ao longo destes dias. Quando não se vê, pode-se cheirá-la. À noite, ouve-se. Não é um barulho ensurdecador, mas está lá. A fábrica é como um elefante na loja de porcelana, ainda que a paisagem local nada tenha de frágil, pelo menos no que à geologia diz respeito. A fábrica é, também, o ganha-pão de muita gente. No café, nas ruas, há quem comente a poluição, mas quando se faz a pergunta com o gravador ligado, quase ninguém fala. Ficarão as dúvidas sobre o real impacto desta fábrica nas águas do Tejo, nos peixes que já não alimentam a pesca em certas zonas do rio, no ar de enxofre que se respira pela manhã. Como se ouviu nos textos do “Teatro na Paisagem”, talvez não faça mal. A fábrica, afinal, é mais do que uma. Mesmo que ninguém dê muitos detalhes, lá se vai referindo que há outras unidades, de outras empresas, a operar junto ao rio, fabricando matérias que servirão para o trabalho da fábrica maior.

Foi preciso encontrar um pequeno café, e acertar com a hora do aperitivo pré-almoço, para ouvir quem quisesse falar sobre o assunto. No café que tem o seu nome, Carlos explica que regressou a Ródão, onde nasceu, há quatro anos, mas que agora espera a reforma para regressar ao Montijo, último lugar por onde passou antes do regresso. «Não quero ficar aqui»,

POESIA, UM DIA

diz-nos, contrariando o texto de Ana Freitas, «o meio é muito pequeno e não há escolhas. E depois há este cheiro...A gente habitua-se, claro, mas quando me mudei para cá, a respiração era difícil.» Minutos depois, Paulo Mourato junta-se à conversa, falando da pesca que já quase não há e explicando que a poluição não é o único problema: «Os sítios para a desova dos peixes desapareceram com as barragens e começaram a aparecer espécies não-autóctones. A poluição existe, e não é pequena, mas não é só por aí. E já se fez muita coisa para evitar o cheiro e o barulho da fábrica, mas há coisas que não se conseguem evitar.» António José Morgado, o último a chegar ao café, trabalhou na fábrica da Portucel durante quarenta anos e defende que a poluição não é tão intensa como se diz: «Se aquilo estiver a trabalhar normalmente, não há poluição. Agora, se houver uma avaria e não se der logo por isso, então, sim. Há uma célula que descarrega para o rio e, se estiver tudo controlado, não há poluição. Cheguei a apanhar água limpinha à saída da fábrica, mas não pode haver distrações. Quando a fábrica começou, aí havia muita poluição, agora, como aquilo está, não vai nada para o rio nem para a atmosfera.» E Paulo Mourato acrescenta: «Temos um problema muito maior, que é a central nuclear de Almaraz, em Espanha. Isso, sim, é mesmo grave.» E ainda há a fábrica em Perais, à saída de Vila Velha de Ródão, que, como diz António, «essa sim, polui. Tínhamos ali um retiro de achigãs que era uma maravilha e agora a água está preta.» Não haverá consenso no café, como não há consenso na Vila. A poluição é um tema complexo, a fábrica alimenta parte importante do concelho, ninguém consegue afirmar que não há consequências ambientais, mas ninguém quer diabolizar a fábrica.

POESIA, UM DIA

Jaime Rocha, diretor literário do encontro, explica isso mesmo ao falar dos textos para o espetáculo e do modo os poetas residentes acabam sempre por tropeçar nesta chaminé fumarenta: «É uma ideia de que gosto, o paradoxo, o confronto entre o estar para viver e o estar para fugir. Como é que conseguimos viver ao lado, ou dentro, de um monstro, e como é que se pode criar literariamente, ou do ponto de vista do teatro, com este paradoxo que é uma fábrica que vai matando à volta a capacidade que uma paisagem tem de trazer pessoas, porque a fábrica afasta as pessoas, e há aqui um grande combate entre a natureza e a fábrica. É interessante perceber como é que se pode criar no meio, entre a beleza da natureza e a fealdade da fábrica. E depois descobrimos que estamos a falar sobre a sobrevivência, a nossa e a das pessoas que vivem do trabalho da fábrica. Portanto, vimos com uma ideia de zanga, de crítica, de mal-estar, vimos como inimigos da fábrica, e de repente, não ficando amigos da fábrica, percebemos que ela nos pertence e não a podemos matar, porque se o fizermos, morremos. Isto cria uma grande instabilidade para a escrita, que é aquilo que me apetece escrever, aquilo que não vou escrever, o escrever sobre aquilo que não quero. Acabo por arranjar uma fórmula de escrita em que a fábrica é engolida na natureza conosco. É curioso que, mesmo não se dizendo a palavra fábrica, estamos a falar desta realidade e somos obrigados a enunciá-la no texto e isto em muita força, porque ultrapassa a vontade do escritor. Esta terra tem esta terrível curiosidade, como todas as zonas fabris. De facto, a fábrica alimenta as pessoas e contra isso não há muito a fazer. A surpresa que os poetas



Margarida Vale de Gato

POESIA, UM DIA

têm com a natureza têm também com a fábrica. E depois têm de integrar as duas coisas, mesmo sem dar por isso. Estão a viver com Deus e o Diabo, digamos.»

Entre duas forças, haverá quem tenha a missão de garantir equilíbrios. Questionámos o presidente da Câmara Municipal, Luís Miguel Pereira, sobre a poluição, querendo saber o que tem sido feito para a combater, mas igualmente sobre a desertificação, tema presente nos textos que têm nascido do Poesia, Um Dia e necessariamente relacionado com a poluição. «Não é ignorando os problemas que eles se resolvem. Esses são problemas que existem no concelho, mas não só neste concelho, como no interior, por um lado, e ao longo do rio Tejo, por outro. Temos esses problemas bem presentes e temos uma enorme vontade de os resolver. Ora, resolvê-los é, desde logo, falar neles. Claro, para combater a desertificação é preciso criar investimento e criar emprego, mas não trazendo um investimento qualquer e não criando emprego a qualquer custo, ou seja, respeitando o ambiente e a coexistência do ser humano com os valores ambientais. As empresas que estão em Vila Velha de Ródão têm a noção clara que, da parte da Câmara Municipal, se o fizerem têm alguém com quem podem contar e trabalhar e, se não o fizerem, têm alguém que exigirá junto das entidades o cumprimento das metas ambientais. Mas não exigimos só em Vila Velha de Ródão, porque o problema ambiental não é exclusivo daqui, regista-se a montante, em Espanha, e a jusante, ao longo de todo o rio. Nós temos enormes problemas ao longo do Tejo, o concelho tem sido apontado como um foco desses problemas, mas recusamos essa etiqueta

POESIA, UM DIA

porque não é de todo o concelho de Vila Velha de Ródão o principal poluidor do Tejo, nem dos grandes poluidores.» Apesar disso, o cheiro e o fumo da fábrica são notórios, e o presidente da Câmara não o nega. «É notório, está identificado e devo dizer que a Câmara Municipal tem feito um esforço enorme junto das entidades que têm responsabilidades nessa matéria para resolver o problema. É incompreensível que a situação esteja identificada há muito tempo e que as leis deste país não dêem resposta de modo a que esses problemas sejam resolvidos, porque não podemos aceitar que a população, que o ambiente, que o desenvolvimento do concelho sejam postos em causa por interesses que não são de todo os do concelho e das pessoas que o habitam.»

Longe do fumo, já com a noite cerrada, três barcos descem o Tejo em direção às Portas de Ródão. Poetas e leitores preparam-se para uma leitura de poesia e não prescindem dos casacos e das mantas, que a humidade é forte e o frio outonal já se faz sentir. Com os três barcos ancorados no meio do rio, as leituras sucedem-se à luz da lanterna. Rosalina Marshall, M. Parissy e Rui Caeiro, os poetas residentes deste ano, são acompanhados por quem se vai oferecendo para continuar a ler. Não há ordem ou programa prévio e o momento é tanto de partilha como de introspeção, talvez porque o escuro e o som dos pequenos peixes saltando na água, atraídos pela luz dos faróis dos barcos, a isso convidam. Terminada a leitura, um dos barcos tenta uma aproximação à Ilha das Virtudes, onde Miguel Manso e António Poppe estão a pernoitar, sozinhos, com tendas, alguns mantimentos e poucos confortos. O barco acaba por ficar preso nas pedras junto à ilha e tudo o que vislum-



Jaime Rocha

POESIA, UM DIA

bramos é a figura de António Poppe, quase no breu, dizendo alguns versos que amanhã hão-de soar luminosos no fim da tarde no rio, tudo isto enquanto a mestria do homem do leme nos safa de ficarmos também na ilha...

Na tarde seguinte, Miguel Manso e António Poppe surgirão em duas canoas, remando à volta dos barcos que voltam a transportar poetas e leitores até às Portas de Ródão, e António Poppe recitará um enorme mantra que mistura textos religiosos da tradição indiana, textos seus, fragmentos de muitas coisas, dos Vedas aos filmes de Hayao Miyazaki, sempre com Ródão no subtexto. A estada na ilha terá sido uma experiência difícil de descrever, como se percebe nessa performance nas águas e ao jantar, mas Graça Baptista, da Biblioteca Municipal, adianta que será para repetir, mesmo que em moldes diferentes: «No âmbito de uma conferência sobre o património, falei com o Dr. Luís Raposo, que foi diretor do Museu de Arqueologia, e ele contou-me que junto à Ilha das Virtudes havia uma estação arqueológica onde se encontraram as estruturas habitacionais mais antigas da Península Ibérica e da Europa. Essa estação era muito perto da ilha. O que o Dr. Luís Raposo me contou foi que, nos anos 70, ele e um grupo de arqueólogos habitaram também aquela ilha durante uns dias e à noite acendiam fogueiras e cantavam canções de intervenção. Agora, os poetas fizeram o mesmo, sem que nós soubéssemos previamente desta história. Da minha conversa com o Dr. Luís Raposo já surgiu uma ideia para o próximo ano, que é a de juntar

POESIA, UM DIA

poetas e arqueólogos e pensar como aquele espaço foi habitado, vivido, pelos primeiros habitantes, pelos arqueólogos num período anterior ao 25 de Abril, onde ninguém os ouvia quando cantavam canções de intervenção, e agora pelos poetas, que ali encontraram um espaço para a meditação. Isto tem tudo um enorme potencial para refletirmos, para nos refletirmos, pensando que somos seres humanos que habitam espaços, transitoriamente, como sempre.

Isto era para ser só um encontro que trouxesse conhecimento literário, que recebesse as pessoas, mas agora é muito mais do que isso. E as bibliotecas têm de ser um espaço sem paredes, um espaço que intervém directamente no território, por vezes através da passagem de testemunho. O que nos importa é suscitar conhecimento, encontros, que nos permitam desenvolver-nos como pessoas e como território.» A Ilha das Virtudes voltará, então, a ser habitada para o ano e talvez os barcos consigam, finalmente, uma atracagem segura...

O caminho entre Vila Velha de Ródão e a Herdade da Urgueira, onde acontece mais uma apresentação do espectáculo resultante do "Teatro na Paisagem", faz-se por estradas quase desertas, numa paisagem que confirma a transição entre a Beira e o Alentejo. Perto de Perais, percebe-se que a desertificação não é apenas um tema possível para debates e conversas mais ou menos poéticas, é o tema central que importa discutir para evitar que o território se esvazie de escolhas e de gente. Na direcção inversa, subindo a estrada da serra entre o centro da vila e o castelo, o cenário é semelhante, ainda que mais verde e acidentado. No castelo do Rei Wamba, que na verdade é uma torre e não se sabe ao certo se este rei visigodo foi o responsável pela sua

POESIA, UM DIA

construção, a visão das Portas de Ródão faz-se de cima. Mais altos do que as enormes formações rochosas rasgadas pelo Tejo, aqui, sim, podemos distinguir águias de grifos e vislumbrar no vôo de cada um as marcas da espécie. Enquanto os atores ensaiam para o último espectáculo, onde a lenda do rei Wamba e da rainha que se apaixonou por um rival mouro, habitante da outra margem do rio (acabando a rolar pela encosta atada a uma mó de pedra, como castigo régio pela traição), domina as histórias sobre o espaço, os sons da serra ganham corpo. O vento, os grifos, um ou outro som abafado que chega do rio e de quem nele passeia. Pouco depois, o público que chega para o último espectáculo e para o encerramento deste Poesia, Um Dia.

Num balanço feito alguns dias depois, Graça Baptista, da Biblioteca Municipal, fala sobre o que se vai conquistando a cada ano de Poesia, Um Dia: «O que se consegue nem sempre é mensurável no número de pessoas que vão buscar livros de poesia à biblioteca, não é logo assim. A biblioteca tem um fundo de poesia que conseguimos que esteja atualizado, porque também fazemos aqui feiras e temos contactos com editoras e gente que nos faz recomendações. As bibliotecas podem ser espaços de fruição, mas têm de ter boas coleções. Este ano fizemos 500 postais para o Correio Poético e esgotaram-se, apesar de termos duplicado o número de exemplares em relação ao ano passado. As pessoas já não se afastam dos textos poéticos, e isso notava-se no início. Sentimos que o facto de comunicarmos a muitas pessoas e de muitas formas está a fazer

POESIA, UM DIA

com que a poesia deixe de intimidar. Esta semana começámos um novo Clube de Leitura, com a Academia Sénior, e propus a leitura de um poema de Wisława Szymborska, que foi bem acolhido. As pessoas têm um conceito da poesia, que não sei de onde vem, que faz com que tenhamos de preparar as pessoas para a receção; depois disso, as pessoas acabam por gostar e por procurar mais. E temos leitores que estavam afastados da poesia e que, por terem a oportunidade de conversar tão de perto com este ou aquele poeta, acabam por aproximar-se da obra desse poeta e da poesia. Não é que isso aconteça todos os dias, mas já vimos acontecer.

Etambém acontece outra coisa: vejo as pessoas mais orgulhosas do seu território, sem aquela coisa de acharmos que somos da província, que estamos muito longe de tudo...» Se são sempre os números a aparecer nos relatórios e balanços, olhe-mos também para eles. Diz-nos Graça Baptista que «há um ano participaram mais de 1200 pessoas, este ano, de certeza que já teremos tido 1500. Os números não são o nosso enfoque, mas também são importantes, claro», sobretudo quando falamos de um concelho onde habitam apenas 3000 pessoas. Com um orçamento que começou nos 1500 euros, para a primeira edição, e que este ano chegou aos 12000, cerca de metade do orçamento geral da Biblioteca Municipal, estamos longe dos grandes eventos literários organizados em muitas partes do país. Na verdade, nem Graça Baptista, nem Jaime Rocha, nem qualquer outro membro da organização do Poesia, Um Dia falam em “festival”, preferindo sempre a palavra “encontro”. Graça Baptista explica porquê: «O Município



Miguel Cardoso

POESIA, UM DIA

delega na Biblioteca a organização do encontro e não há qualquer pressão relativamente aos números. Tenho a noção de que os nossos gestores políticos percebem que o encontro funciona muito bem para a população desta maneira, funciona bem para a valorização do património, e estamos de acordo em não deitar a perder o que já conquistámos. Desde o início nunca gostei da palavra festival, que sempre me pareceu que era melhor para a canção, e nunca quisemos fazer aqui um festival literário. Já fui a alguns e sempre me pareceu uma coisa um bocado plástica, com muita distância entre os autores e os leitores. O que queremos é ligar pessoas, valorizar o património, trocar experiências e conhecimento. Queremos que aconteçam coisas que possam ser surpresa, coisas que só poderiam acontecer aqui. Queremos interrogar o território, perceber o que estamos a fazer neste local... Não queremos entrar numa fórmula repetitiva.» Entre conversas informais, leituras poéticas e estadas prolongadas de poetas nos locais mais recônditos do concelho, nada aponta para esse risco.

FOTOGRAFIAS DE FERNANDO LADEIRA